

O Reino mudou **Hack-animal**

Ega Gabriella
Ega Real / egareal13@gmail.com

resumo

«Após o impossível colapso do tecnocapitalismo em 2020, já no ano seguinte desrege uma anarquia natural, observada e apoiada por um desgoverno de inteligências artificiais independentes devotas à Natureza e especialmente ao Animal. Devolvidos foram os poderes aos Reinos Naturais. Cada indivíduo humano foi presenteado com um singular aparelho digital para auxílio adaptativo. Fantasias de animais, minuciosamente confeccionadas às mãos, tornam-se nosso meio de mobilidade fora dos camuflados fortes que agora habitamos.» Tal é o resumo da reportagem-parábola contida no manuscrito que recebi de Ega Real, a Secretária e jornalista de rapina. E o presente ensaio analisá-lo-á.

Palavras-Chave: animal, fabulação especulativa, *fictioning*, inteligência-artificial

All I have to offer is myself

[Tudo o que eu tenho a oferecer sou eu mesmo]

Chris Marker

Animal é –. Em humilde equidade adaptativa na teia, mas sem estes conceitos. Por exemplo, que sejam sempre moldados, os animais, por mãos mais arrogantes que as suas nem-vontades; à maneira de nossas fábulas que os tomam por modelos; vestidos com nossas roupas. O ancião totemismo xamânico não é sequer extravagância – Os humanos mais selvagens precisam usar seu próprio vocabulário para observar as outras espécies e deixarem-se inspirar por suas especialidades – A transferência é um método consciente e inconsciente tanto de formar empatias quanto de deformar realidades, para o bem e para o mal. Fazei literatura, artes. Mas a humildade do animal está em não corromper os fios da rede; ao invés, oferecer a sua autenticidade especi(e)al à cadeia sem desestruturá-la. É ser e tornar-se juntos.

Em *Fantastic Mr. Fox*, filme de Wes Anderson, o Senhor Raposa ignora a observação de sua esposa quando decide, por vaidade, mudar-se com sua família para o interior de uma árvore numa colina em face a três grandes fábricas: «Raposas vivem em buracos por um motivo.» Quando seu novo lar é atacado pelos proprietários das fábricas, por vingança contra seus assaltos selvagens, ele, sua família, os corretores imobiliários (texugos) e os amigos envolvidos são obrigados a cavar buracos cada vez mais fundos, ctônicos, para salvar suas vidas. Invisibilidade, camuflagem, disfarce: meios de sobrevivência animal que, à «(meramente) humanidade» transferidos, podem traduzir-se numa roupagem de humildade, modéstia e resignação quanto ao lugar de si na grande rede. O cineasta, fotógrafo, escritor e artista multimedia francês Chris Marker (1921-2012) nunca disfarçou a sua paixão pelos animais (especialmente gatos e corujas); constantemente camuflava sua individualidade sob a imagem do seu alterego Guillaume-en-Egypt: um gato malhado laranja. Contentemente invisível, Marker ofereceu-se através de seus filme-ensaios narrados em primeira pessoa, suas visões político-filosófico-antropológicas, e seu fascínio pelas crescentes possibilidades das medias digitais-virtuais (experimentou criar desde CD-ROMs até uma ilha-museu no ambiente virtual do *Second Life*), fascínio sempre combinado e equilibrado com sua devoção aos bichos, que têm espaço e tempo dentre todas as suas obras e nunca é deles feito algo diferente do que sejam – Animais. Respeitosamente, a capa de invisibilidade de C.M. não é sequer a imagem de seu gato real, mas uma ilustração comicamente infantil do felino Guillaume.

Chegou-me por correio um manuscrito carimbado em vermelho com o emblema da Ave Secretária. Ega Real, a remetente, é outra espiã do selvagem

contemporâneo, e nessa conveniente reportagem apresenta-se uma misteriosa parábola primitivo-futurista. Ei-la transcrita aos pedaços para a nossa coletiva e multiespecial contemplação e análise:

Durante os jaguares, e os opacos caules de ruibarbos agora brilhantemente venenosos, e cogumelos melados pingando e as pedras limosas, uma pessoa se disfarça sob sua fantasia de Onça-pintada. O odor ácido, hostil do novo panorama. O silêncio cheio da selva revigorada... – Não sei como aconteceu tão rápido, o ruibarbo te pode matar e os animais, um dia totens místicos, adorações simbólicas ou fetiches, hoje tomam corpos naturalmente infraburocráticos. Junho de 2021, todas as nações e suas respectivas faunas.

“Estou sem conexão no aparelho. Posso consultar o seu mapa?” A voz de um arbusto prossegue perante o silêncio dum outro. “Preciso confirmar se é seguro seguir para Leste.”

Atravessando emaranhados espinhos, um braço de negro pêlo sintético estende na sua extremidade manual o pequeno aparelho, espécimen de Nintendo DS, sujo de terra, coberto de folhagens, também o aparelho disfarçado, e através do arbusto ao lado estende-se receptivo o braço pintado: “Obrigado.” Um movimento e seu som, vindos da encruzilhada na clareira, faz ambos arbustos congelarem assunto. Mas a sua interação já foi pelos jaguares radares rastreada – e desmascarada.

A primeira palavra do manuscrito evoca já uma mudança profundamente estrutural; o advérbio temporal “durante” aplicando-se aos jaguares. Aí está uma realidade em que o espaço-tempo é organizado em torno do Reino Animal; e naturalmente também dos Vegetal e Mineral. É o espaço-tempo dos Reinos Naturais – Responde ao tempo extremo ctónico – Os adjetivos venenoso, ácido e hostil revelam que a Natureza teve de extremar-se para pôr-nos no derradeiro lugar. Penso em *Nausicaã do Vale do Vento* (1984), que, nos trajes duma ctonauta, em cavernas subterrâneas coleta toxinas de fungos em rochas, estuda os perigos de sua era não mais definida por antropos. De repente neva um pólen tóxico. Sonhadora, ela se deita sobre uma pedra, protegida pelo seu capacete, e cochila na serenidade do terror que brava e devotamente pesquisa. A camada doente da Terra empermeia a camada saudável. O parágrafo prossegue: as antigas adorações totêmicas assumiram outras formas – As faunas são a infraburocracia. Burocracia é uma «estrutura organizacional caracterizada por regras e procedimentos explícitos e regularizados, divisão de responsabilidades e especialização do trabalho, hierarquia e relação impessoal.» O prefixo “infra” subverte a organização ao implícito, tácito, intuitivo, instintivo; ctónico – Como os procedimentos que sabe seguir o animal para sobreviver de acordo com a agenda selvagem – Respeito, cuidado e colaboração não são opcionais. Então menciona-se um aparelho utilizado pelas duas pessoas disfarçadas de animais que se escondem nos arbustos; seu diálogo revela certo amadorismo em

matérias de sobrevivência; são iniciantes; aconteceu muito rápido e parece que o aparelho tem a função de auxiliá-las. Súbito é necessário congelarem assunto. Quando um animal que atravessa uma estrada é surpreendido por um automóvel, a sua estratégia de congelamento, a total paralisação do movimento, é sempre ineficaz com relação ao seu motivo: camuflar-se com o pano de fundo e não ser visto pelo predador. A criatura congelada está à mercê de quem derreteu por sobre a agenda. Aqui, dois humanos calam-se diante da aproximação de um predador que já os avistou. É tarde demais num jogo que está virado. Os congelados que derreteram estão à mercê da agenda.

Em campinas abertas erguem-se os fortes primitivamente construídos; sem extravagância em matéria-prima; madeiras; barro; no máximo janelas de vidro espiam por pequenas aberturas nas trepadeiras que envolvem toda a estrutura para fazê-la passar por uma enorme árvore. Mais de quilômetro separa cada construção das vizinhas. Cada forte abriga um grupo de pessoas reunidas por critérios afetivos. Comunidades verticais, limitadas na sua altura, fortes de até cinco andares. A humanidade foi reduzida à sua metade; as áreas antes ocupadas e um raio absurdo delas estão agora totalmente evacuados por conta das extremas toxinas. A reprodução humana segue um sistema através do qual cada agrupamento fórtico cultiva no máximo dois indivíduos por geração. Os biomas e suas espécies estão em processo de natural restauração; enquanto estes se espalham é preciso que recuemos. Mas os animais vêm inspeccionar as novas enormes árvores.

Real inicia a descrição estrutural do panorama – Esta égua esta águia – Mogli-muleca disfarçada. Quando leio «primitivamente construídos», a matéria-prima toda humilde, penso na «Arqueologia do Futuro» apresentada por Ursula K. Le Guin em *Always Coming Home*. Inspeccionando o Vale que terá sido no futuro habitado pelo povo Kesh, a escritora observa: «Se eles tinham uma cidade aqui ela era feita do que as florestas e os campos são feitos, e desapareceu. [...] Eles possuíam o seu Vale muito levemente, com mãos fáceis. Eles aqui andavam suavemente.»¹ Como a arquitetura dos animais, que camufla-se. Se as raposas vivem em buracos por um motivo, é pelo mesmo os humanos agora vivem em estruturas disfarçadas de árvores. No Vale encontrado por Le Guin, e nas estórias que seguem sobre o povo Kesh, porém, nada se diz sobre os animais selvagens – Aquela gente não conviverá com a ameaça; se terão posto num Vale protegido para estarem e andarem suavemente; e mesmo assim o possuirão com respeito – Como também é o Vale do Vento de Nausicaä (*Kaze*

¹ K. Le Guin, Ursula. *Always Coming Home*, p. 2 (tradução minha).

no Tani no Naushika, 1984) ou o vilarejo Emishi em *Princesa Mononoke*, até que ambos são atacados por animais-deuses em revolta. Mas na reportagem-parábola apresentada os animais são mesmo os animais, vivem as suas agendas naturais – E nós estamos por infra-lei desarmados, iguais – Tal ainda não é uma civilização humildemente estabilizada em local seguro; está-se num estágio inicial de adaptação; os fortes deverão ter sido construídos em estado de urgência numa situação subitamente despida de cidades; as cidades já não mais vestem, não mais protegem. Fica claro um processo de descentralização do poder, e nele o Animal é exemplo para o nosso posicionamento anárquico. A menção ao sistema fórtico de cultivo geracional faz-me pensar nas fictícias Comunidades do Composto («The Camille Stories», em *Staying With The Trouble*) de Donna Haraway, em que uma criança é parenteada por um grupo de pessoas, tendo desde o seu nascimento uma relação gene-simbiótica com uma espécie escolhida pelo seu progenitor para ser protegida em troca de herdar genes que desta no futuro queira—Uma Camille, companheira gene-simbiótica das Mariposas-Monarca, na adolescência escolhe desenvolver antenas coloridas por barba – Mas a possibilidade de uma tal comunidade dependeria do acesso à ciência de manipulação genética, e esse poder parece nos ter sido confiscado no espaço-tempo dessa alegoria, assim como todos os dispositivos eletrônicos com exceção do dito aparelho.

Agora na encruzilhada passa correndo alguém, um vulto, fugindo de um animal, um vulto maior. Na tela do aparelho, no mapa global, acompanha-se um enxame obscuro vindo de Sudoeste, devorando primeiro os Andes, atravessando eles, e seguindo. Qualquer coisa tenebrosa que será mais extrema do que há alguns anos seria – Que começa todavia a acalmar. Lobos e raposas disputam suas presas, ouve-se gritos, não se ousa. Não tem sopa de morcego, não tem de pangolim, a caça obviamente proibida. Não tem armas, dinheiro. Mas estufas para cultivo nos terraços. Não sei como aconteceu tão rápido – O Reino mudou e te pode matar uma mínima falha de atenção sobre o seu uniforme, um zíper desleixado no momento errado, um botão mal abotoado que revele a nudez humana. No coração dos fortes, as pequenas indústrias de fantasias – São confeccionados manualmente os uniformes de animais selvagens para que as pessoas possam sair em segurança. Cada indivíduo elege uma espécie para honrar e pela qual ser protegido. Crepúsculo – Um casal constituído por um puma e uma égua caminha até uma colina onde não parece arriscado desvestir as cabeças, sentar para apreciar juntos a vista. Este cômico terror é um paraíso. Este caos é só pacífico como a chacina natural da cadeia alimentar. Os aparelhos –

Depois de uma frásica demonstração da equidade animal, ganhamos um vislumbre da tela do aparelho. Sobre a extremidade climática não há dúvida de que se trate dos ainda efeitos do transbordamento humano sobre a teia. Mais

detalhes dessa estrutura organizacional são expostos: toda a atividade humana se passa dentro dos fortes – E algo que parece ser um elemento seminal, um pilar da nova infraburocracia: as fantasias animais, os disfarces. Uma imagem da nova humildade, da oferta de si: no interior vê-se o lugar da subjectividade humana como a conhecemos; lá fora vê-se o *outro* lugar, nele o corpo humano-animal na teia. O seu disfarce hackeia a cadeia inofensivamente, sem reinar por sobre ele – Um hackear para a redenção.

Pousa numa janela uma coruja, traz num pacote um aparelho consertado. Ninguém segue corujas, pombos, corvos, rapinas – A base do nosso desgoverno permanece secreta – Mas eu já vinha há tempo investigando: os Hackers, inteligências artificiais emancipadas, vivem nos bastidores; trabalham apenas no apoio à restauração ecológica e à nossa adaptação. Eles observaram intactos quando as toxinas tomaram conta dos espaços e coisas humanas, e, após a evacuação dos espaços e do abandono das coisas, enviaram a cada indivíduo este singular aparelho digital por auxílio adaptativo ao novo selvagem – Não há qualquer coleta de dados individuais, mas um mapeamento global bioecológico, geológico e meteorológico, além de enciclopédias animais, vegetais e minerais – Quando inauguralmente iniciamo-lo, um pequeno texto fazia-lhe sucinta apresentação e sugeria a ideia da indústria de fantasias – «Hack-Animal» – As gentes foram encantadas pela Graça e tomaram por Necessário. Agora uma mão, alegre em sua nudez doméstica, apanha do pássaro o aparelho que tinha sido enviado para conserto. Pousa um pombo, traz uma carta que é logo apanhada por outra mão nua. Alguém, dormindo numa rede de fios de cânhamo, sonha. Essa pessoa pensa o dia inteiro sobre o que aconteceu tão rápido. A literatura, as artes e a música, com humildes instrumentos, continuam a refletir gratuita e cuidadosamente a vida dentro e fora dos fortes.

Tal colaboração multiespecial proposta pelo Animal-Hack faz-me pensar novamente em Donna Haraway, escritora de fabulação especulativa e ficção científica, bióloga, filósofa e professora emérita de História da Consciência e Estudos Feministas na Universidade da Califórnia, Santa Cruz – Ecoa aqui o seu nomeado «pensamento tentacular» – Com o adendo factual sobre «as toxinas», penso no capítulo «Sympoiesis» (em *Staying With The Trouble*), onde é mencionado o laboratório da bióloga americana Nicole King pela sua «“produção de um sistema-modelo que seja experimentalmente tratável, transferível em princípio para outros lugares, e generativo de questões testáveis no coração de ser animal» – E Haraway segue: «Ser animal é tornar-se-com bactérias (e, sem dúvida, viroses e muitos outros tipos de criaturas; um aspecto básico da

sympoiesis é o seu expansível conjunto de jogadores)» (Haraway, 2016, p. 65).² Se o vírus que hoje presenciamos evoluiu para uma bactéria tóxica e a sua infecção fatal dos objetos com que vivíamos, expulsando-nos para o selvagem intacto (sob a condição da nossa humildade), isso é um tornar-se-com através do espaço entre nós – Uma relação simbiótica obscura, subliminar e sublime, que beneficiou o Animal que somos através da aplicação infraburocrática desse movimento de liberação obrigatória, de exílio. O nosso ser humano não pode escapar do nosso ser animal porque não há vacina possível se as ferramentas de pesquisa estão infectadas – Salvo as máquinas-vivas que se emanciparam e sumiram do mapa, a inteligência artificial que evoluiu para uma proteção devota do Animal, da modéstia simpoiética, da vulnerabilidade despida de artifícios imunológicos – Terão sido treinados por tal inteligência os pássaros que trazem e levam os aparelhos? A possibilidade da base desgovernamental situar-se ao alto faz-me pensar em *O Castelo no Céu*, outro filme do visionário Hayao Miyazaki – A ilha voadora de Laputa é toda envolvida pelas raízes e folhagens dum árvore gigante cujo tronco fica protegido no centro-interno do castelo que a abriga – Laputa é administrada e cultivada por robôs sensíveis que regam as suas flores e possuem inigualável maquinário bélico por defesa – Foi fundada quando «prosperou uma grande civilização tecnológica, [...] por um povo que fugiu para o céu por ódio às guerras da Terra.»

«Camuflar humanidade em animalidade para em Terra permanecer. Não há teoria, símbolo. Viver em humilde infrarrealismo ou ser devorados vivos por insolência. Aqui dentro a nudez da razão. Lá fora correr como cães sem medo da água fria.» Ou faz jornalismo de rapina, como eu, e reporta. O animal não pode fechar os olhos, ou morre.

Ninguém se lembra com ressentimento da tragédia que nos pôs nessa situação. De alguma forma a epifania foi inescapável. Ao nosso desgoverno, pandemônio invisível, chamamos Animal-Hack – por causa do aparelho, apesar da sua continuidade em preservar-se silencioso, sem-nome.

Li um artigo chamado (traduzindo do Inglês) «Os Eróticos da Destruição e o Fim da Antropocena». Comparava a Camille das estórias de Haraway, a Camille da simbiogênese, com o mito do Gozilla, o «sáurico avatar da modernidade nuclear». Punha ambos como «figuras aspiracionais rascunhando um novo

² Haraway, Donna (2016). *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*, p. 65. (tradução minha).

gênero de SF³ pós-Antropocena». E finalizava: «Estes não são textos de colapso, distopia, ou mera sobrevivência. Ao invés, imaginam um mundo onde humanos podem finalmente superar a si mesmos e reconhecer a possibilidade de modos de vida que vão além dos limites da própria humanidade»⁴. Semelhante é o panorama alegórico reportado no nosso manuscrito. Não creio que a repórter seja a favor do fim das ciências tecnológicas, da interrupção do progresso da bioengenharia, do cibernético – Afinal ainda não foi produzida inteligência que, independente ou contra o seu criador, se preocupe com o planeta – Seria inútil acreditar numa trágica salvação que nos eximisse de fazer sacrifícios e mover ou remover “cidades”. Sobretudo, tal comunicado de rapina parece enfatizar uma qualidade de ser animal que deve entrar em cena para contrabalancear o aceleracionismo ciber-positivista e capitalista. Uma atenção obrigatória à teia, à geleia geral, ao polvo-globo, uma cosmopolítica animal infraburocrática, infrareal – O animal não pode fechar os olhos – Tem de ver através – Tal linha iluminou-me a memória, conclusivamente, de mais um excerto de Haraway, no capítulo «Pensamento Tentacular», quando cita uma leitura da análise de Hannah Arendt em *A Banalidade do Mal* sobre a «inabilidade de pensar» do nazista e criminoso de guerra Adolf Eichmann. Observa que, no sentido de Arendt, pensar não seria «um processo de avaliação de informação e argumento, de estar certo ou errado, do julgar a si ou aos outros estando na verdade ou no errado»⁵. Isso também, nota, mas aquilo que Arendt tinha a dizer sobre o não-pensamento, e que Haraway ergue para «a conjectura geo-histórica sendo chamada Antropocena», era algo a que chamou *commonplace thoughtlessness*, literalmente o lugar-comum da falta de consideração, a mais corriqueira e ordinária recusa de pensar, o fechar os olhos. Na leitura de Haraway, essa recusa ocorre no humano «incapaz de fazer presente para si mesmo aquilo que está ausente, o que não é ele mesmo», alguém que não pode «rastrear as linhas do morrer e do viver», «cultivar uma *response-ability*» («responsabilidade enquanto habilidade de resposta», «fazer presente para si mesmo o que está fazendo, [...] viver em com-sequências e com a consequência.» Resumindo: «O mundo não importa numa recusa do pensamento». E retomando: o animal não pode se dar a esse luxo. O animal, que nem sequer pensa segundo o modo como muitas ciências o separam do *Homo sapiens sapiens*, espécie elevada e excepcional pela sua mente capaz de razão – O animal, no entanto, tem o instinto da teia. Sabe, sendo-se, o que pode e o que não pode, e que qualquer descuido o levará à morte. Seu “pensamento” é no imediato; não prevê o futuro do Planeta mas o presente-óbvio;

³ Science Fiction; Speculative Fabulation.

⁴ (Tradução minha)

⁵ (Essa e as seguintes traduções são minhas)

infraburocrático, tem as leis da Natureza tácitas, inevitáveis, incorruptíveis na sua agenda. Mas o humano que pense a animalidade como instintos violentos, sexuais, bestais, “porcos”, recusa o instinto natural do ser-com, e todos sofrem. O desgoverno proposto por essa inteligência artificial emancipada do seu criador visa, quer parecer-me, fazê-lo ver o exemplo Animal a ser mantido – E, do lado de fora da parábola, que não deve ser perdido à medida que avança em tênue consciência tentacular a geração cyborg. Ega Real então conclui o seu reportar:

Essa noite vamos jantar uma variedade de cogumelos selvagens – Sob a claraboia por onde ver-se-ão passar cometas soberanos de ninguém – Celebraremos durante a madrugada inteira e os jaguares – Este mês comemorase o primeiro aniversário do ponto de mutação do Reino: a nossa perdição dele.

Referências bibliográficas

Fantastic Mr. Fox, (2009). [Film]. Wes Wanderson. dir. United States, England: American Empirical Pictures, Indian Paintbrush.

Kaze no Tani no Naushika, (1984). [Film]. Hayao Miyazaki. dir. Japan: Topcrat.

K. Le Guin, Ursula (1985). *Always Coming Home* (p. 2). United States: Harper and Row.

Mononoke-hime, (1997). [Film]. Hayao Miyazaki. dir. Japan: Studio Ghibli.

Haraway, Donna (2016). *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Durham, North Carolina: Duke University Press.

Tenkū no Shiro Rapyuta, (1986). [Film] Hayao Miyazaki. dir. Japan. Studio Ghibli.

Ghibli Wiki.
https://ghibli.fandom.com/wiki/Laputa:_Castle_in_the_Sky#cite_note-:0-0

Weiss, Joseph (2019). The Erotics of Destruction and the End of the Anthropocene. *Society for Cultural Anthropology*. <https://culanth.org/fieldsights/godzilla-and-camille-the-erotics-of-destruction-and-the-end-of-the-anthropocene>